o palhinhas & ca.

colecção periódicos locais / mensais
número **76** **(dezembro)**
23 dezembro 2021 **1 euro**

directório colectivo josé de matos-cruz joaquim jordão António viana álvaro biscaia

ILUSTRHADA

O que nos dizem alguns comerciantes da Rua da República este Natal.

à mesa com os mortos

Silent night

SONHOS DE NATAL

ANTÓNIO AMARGO. Quem?

HÁ SEMPRE ALTERNATIVA

Luís, o senhor d' O Palato.

Na Ourivesaria Caetano, Irene.

O que nos dizem alguns comerciantes da Rua da República este Natal

Abrimos este jornal com uma série de pequenas conversas sobre o Natal com alguns comerciantes que trabalham diariamente na Rua da República, rua de entrada e, provavelmente (ainda), a maior rua comercial da cidade.

*Entramos n'*O Palato Nacional. *Chocolates Regina, bolos de Ançã, legumes frescos, alguns colhidos na própria horta. Queijos, vinhos e enchidos de várias regiões do país. A maioria dos produtos são de origem nacional. Há vaidade aqui, e é uma vaidade justa. O senhor Luís Cruz e a sua mulher Ana mudaram-se para a Figueira há poucos anos e abriram no início da pandemia esta loja. Deu e dá gosto passar por ali. Os legumes à porta: batatas doces, limões, cenouras.*

O Palato *deseja saúde, paz e muita alegria para todos e também por isso, nesta altura festiva, oferece novos produtos, imagina cabazes e aceita encomendas para aconchegar um bocadinho o Natal de cada um. Estes tempos de pandemia têm sido claramente difíceis. E a solução é* ir passo a passo, devagarinho, para ver como é que vai funcionar. Fazer a nossa parte, a par das algumas iniciativas levadas a cabo para animar a rua é obrigatório. *(Viva quem pensa assim!).*

*Mesmo ao lado d'*O Palato *está a* Ouriversaria Caetano, *a* Caetano& Conde, *que fará em 2022 quarenta anos de actividade.*

A dona do estabelecimento, D. Irene, revela o quão tem estado parado o negócio, e se tem mexido é mais nos últimos dias, usa ser assim. *Com a chegada do Inverno, crê que as pessoas* andem mais na roupa, *mas frisa que o artigo que vendem é* um artigo mais de surpresa, *e que é mesmo no dias antes da noite de Natal que os clientes aparecem.*

O dono da loja está à escuta e mete-se na conversa. Aponta o problema do estacionamento nesta rua e o controle excessivo por parte da empresa que aplica multas a quem comete a transgressão de estacionar sem pagar, para, num instante, comprar nesta rua. Já se sabe que o estacionamento nas grandes superfícies comerciais não se paga e isso acaba por pesar em quem decide comprar e onde comprar.

Seria bom que houvesse iniciativa para mexer com o comércio nesta rua e sabem que a ACIFF teve a ideia de levar a cabo um projecto em que as montras do comércio local são decoradas por artistas, nesta época de Natal. E sobre isso, D. é peremptória: tentamos ter sempre as montras bonitas, arrumadinhas e arranjadinhas.

A pandemia criou dificuldades, afectando o rendimento deste negócio. Mas também agora esta questão do governo, a instabilidade criada, a falta de dinheiro sentida pelas pessoas, que não gastam já o que não têm. Quem está atrás do balcão tem consciência de que são os bens de primeira necessidade os mais importantes de todos, e que só se sobrar algum, poderá ser gasto em jóias para adornar o corpo em beleza.

Desejos para o Natal? Que esteja tudo com Saúdinha, é o nosso maior desejo. O resto é um dia de cada vez.

Atravesssamos a rua em direcção à entrada da rua. Na Visão Óptica, *porque o trabalho era muito, e logo a pressa também, Sónia Ferreira foi directa:* -Desejos de Natal?: Saúde! *Quanto ao andamento destes dois últimos anos, terríveis, pandémicos, t*em dias, há dias que correm melhor e outros pior. *Parece um telegrama, mas não é e é bastante. Sónia vai passar o Natal com a sua família.*

Ana Maria trabalha na Mercearia Nicolau *- do saudoso Senhor Nicolau - e recebe-nos com alegria. Esta mercearia é uma luz nesta artéria. Não desapareceu e ainda se renovou para servir quem aqui vive e passa com a dose certa de novo. Frutas, legumes, frutos secos, leite, marmelada, vinhos, azeitonas. Tudo se pode comprar aqui. Até refeições que são confeccionadas a preceito. É uma pequena festa.*

O Desejo de Natal é o desejo para todos os outros dias. Sobretudo, Paz - *e frisa:* mas Paz Interior, porque o resto vem por acréscimo. E esta Paz seria para todos. *Este é o sentir de Dona Ana.*

Perante tão clarividente desejo, lançamos a inevitável pergunta de como tem corrido o negócio durante o ano nesta rua.

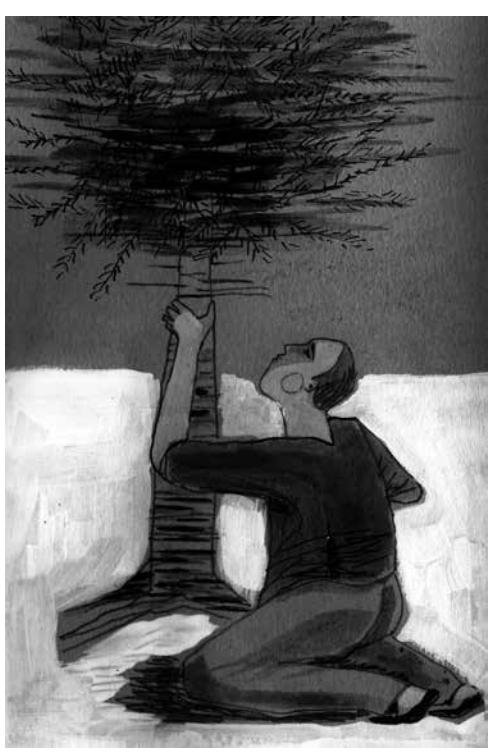
-Esta rua é uma rua fantasma em termos de negócio. Assim tem sido. Deveria haver mais investimento nas lojas, nas lojas tradicionais, para que os comerciantes pudessem investir em ter maior quantidade de produtos nacionais. Os condicionamentos são tamanhos e isso é esquisito. A sensação é que estamos presos. Se houvesse mais dinamização na rua, como já houve, a alegria grassaria e as pessoas viriam. Às vezes passa na rua o carro do Natal, que é engraçado, mas não é todos os dias, passa e pronto... Deveria haver chamamentos para as pessoas passearem nesta rua, *mas reconhece que as pessoas não estão a sair de casa e quando saem, imagina, devem ir para a praia apanhar ar, ou então, se calhar, encomendam tudo pela internet.*

Confessa-nos Dona Ana Maria que esperava que o novo presidente fizesse alguma coisa que pudesse a rua mexer um pouco mais, e conta-nos que ele vem a esta rua muitas vezes comprar coisas. Por vir tantas vezes aqui, Dona Ana imagina que ele já deva ter visto que as luzes de natal mesmo em frente à mercearia já estão metade fundidas. (Risos).

Mesmo em frente à mercearia está também o prédio onde funcionava a antiga panificação, que hoje é um edifício triste e sem préstimo. Para quem aqui trabalha, olhar para o outro lado da rua, é pura desolação.

Dona Ana regressa ao que já disse: Sinto-me presa. Num sistema. Penso que seja um sistema. É preciso muita burocracia, muitas coisas para se sair disto…

A. NATAL



RICARDO JORGE

RENATA BUENO

FARMÁCIA Soares

FESTAS FELIZES

ENTREGAS AO DOMÍCILIO

RUA DA REPÚBLICA, Nº196
FIGUEIRA DA FOZ
233 401 760

PEDRO SIMÕES

NOITE DE NATAL

O gás acabou!

A notícia abalou os alicerces da casa. E agora, a comida ao lume, a família a caminho para o jantar?!

– Asdrúbal, vai desenrascar uma botija de gás, já! Anda, rápido! – sentencia dona Esmeralda.

Asdrúbal levanta-se devagarinho, a resmungar, olho no televisor. Sai no ritmo do costume. Da janela, a mulher grita:

– Oh homem, despacha-te!

Na rua, conversa aqui, cumprimento ali, mais ginginha, bolinho de bacalhau, histórias da vizinhança, recordações dos tempos de guerra, Asdrúbal volta a casa com a botija na noite de passagem de ano.

Ano novo, vida nova! Esperança renascida de, nestes novos tempos, não haver falta de gás na noite de Natal.

AUGUSTO BAPTISTA

Fernando Pessoa, num dos seus escritos, que não consigo agora localizar, defende que um organismo vivo quanto mais células diferenciadas tem mais complexo e inteligente é.
Um ser unicelular é menos complexo que outro com sistema nervoso central. Não parece levantar grandes dúvidas esta ideia. Claro que Pessoa não se fica por aqui. Faz de seguida, muito a seu gosto, uma analogia de defesa da Ibéria. Afirma qualquer coisa como: Um país constituído pela monarquia de Castela, pela república Portuguesa e pelos reinos árabes que outrora ocupavam da actual Andaluzia seria um país muito mais complexo, rico e inteligente que a actual península.
Dei por mim, sentado numa esplanada Figueirense, num destes dias de Inverno e de ensaios com o Grupo de teatro figueirense Pateo das Galinhas, a transpor esta analogia para a cidade. A Figueira tem o Mar, o Bairro Novo, Buarcos e a rua dos Pescadores, a Serra da Boa Viagem, o cabedelo e o surf, as abadias. Tem também o rio, três praças a desbocar para o Mondego, o porto e toda a zona que liga a Câmara Municipal à estação de caminhos-de-ferro.
Voltemos à esplanada onde ainda agora estava. Nessa tarde divagava eu que à semelhança de uma criança a quem é dito amiúde que é má e que portanto crescerá com essa ideia de si própria a Figueira cresceu com o epíteto de Praia da claridade e como tal revê-se, naturalmente e sem se questionar, como uma cidade de mar. A zona do rio ficou esquecida, secundarizada. Com o fim do século vinte e o advento do betão desenfreado a Figueira cresceu... em altura.
Ainda sentado na esplanada, a espiral analógica ia ganhando força.
Se nos tempos da outra senhora, antes do vinte cinco de Abril, a imprensa apelidava de terroristas o que os jornais, no dia vinte e seis de Abril, chamavam de movimentos de libertação e que nós conhecemos hoje como déspotas e ladrões; se a nossa imprensa em tão pouco tempo se deu a tal liberdade interpretativa de uma mesma realidade não seria, pensava eu, já com o maço de tabaco a muito menos de meio, crime de lesa pátria apelidar o esquecimento a que foi votada a zona ribeirinha como milagre salvador, digno de nossa senhora de Fátima, de todo um património arquitectónico que foi, contra todas as probabilidades, salvo das garras do betão.
Toda a esplanada olhou para mim quando, sozinho na mesa, se escaparam dos meus lábios as palavras: "I have a dream!".
Calei-me, acendi mais um cigarro e fiz que não era nada comigo. E na realidade não é. É com a cidade. A Figueira da Foz tem hoje a oportunidade de, à semelhança da criança má, rejeitar os protótipos que lhe foram inculcados e imaginar-se não apenas como cidade de Mar mas também como cidade de Rio. Cidade esta que ainda pode ser imaginada, graças ao esquecimento salvífico de toda uma riqueza patrimonial, com o glamour que a Figueira reclama mas actualmente não tem.
Três cigarros depois, creio que Pessoa sabia que a profundidade de pensamento se alcança à custa da destruição dos pulmões, fechava o círculo do raciocínio e a analogia inicial. Não seria a Figueira uma cidade mais rica, mais complexa, mais bonita, mais competente turisticamente se recuperasse e revitalizasse toda a sua frente de rio? Não estará o glamour perdido à distância de apenas uma ideia?
Levanto-me e vou comprar cigarros. E calo-me. Antes que se lembrem de colocar aqui a feira popular.

RICARDO KALASH

à mesa com os mortos

O Natal começa com a recolha de musgo na serra e com o presépio que a minha avó fez crescer ao longo de décadas, juntando figuras à medida que as economias o permitiam. Ali ao lado, a minha bisavó vê o Natal dos Hospitais e o meu avô anda pela sala, garantindo que está tudo no sítio. O Natal vai começar sempre assim, ainda que o musgo já não seja apanhado, porque o equilíbrio ecológico assim o exige, e ainda que os meus avós e a minha bisavó tenham morrido há vários anos. Quando éramos muitos à mesa, sabíamos que os lugares haveriam de ir vagando, mesmo que não pensássemos nisso. Eu pensava, porque sempre pensei na morte, ou assim me recordo quando tento olhar para trás. O que talvez não soubesse era que os lugares ficam vazios, mas não exactamente sem ninguém. O Natal começa com musgo e prossegue com uma sala povoada de gente que está e gente que já partiu.

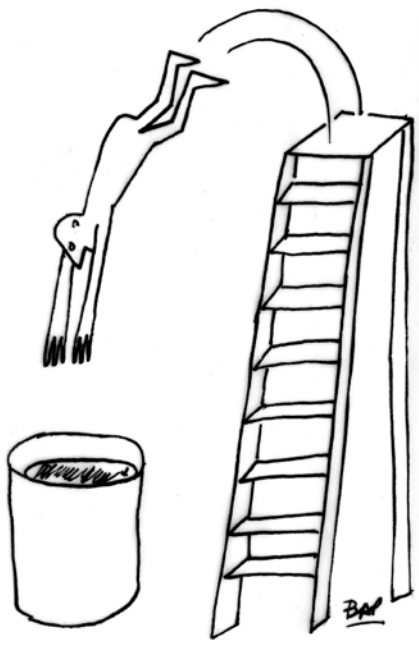
À mesa, a minha bisavó esmagava um alho cru com colorau e azeite, espalhando tudo pelo prato ainda antes de lá colocar a comida. O meu avô comia num ritmo sempre igual – como fazia com todos os outros gestos quotidianos – e depois descascava uma maçã, que para ele era um pêro, com a precisão de um cirurgião. Depois, a minha avó distribuía rabanadas e rematava com uma fatia de queijo flamengo cortada de uma bola (com a massa devidamente mole, nada daquelas fatias empacotadas, higienizadas e sem sabor que se vendem agora nos supermercados). O queijo flamengo era uma herança do meu bisavô, que costumava comê-lo no Natal, ainda no Porto, e que tentou manter essa tradição em Lisboa, quando o dinheiro já era curto para luxos gastronómicos. Era como se aquele pedaço de queijo fosse a ligação possível com um passado que se perdeu, entretanto, e que o meu bisavô não deixava desaparecer totalmente. Nem a minha avó, mesmo muito tempo depois de o pai já não existir. Era uma cadeira vaga, mas não vazia. Lembro-me de ouvir esta história todos os natais, enquanto comíamos queijo, o que eu via como um modo de convocar o meu bisavô, republicano e pouco amigo da autoridade, que não conheci e em quem me reconheço muitas vezes. O flamengo é capaz de ser o menos interessante dos queijos, mas continuo a comê-lo todos os natais.

O presépio continua a existir, agora na minha sala. O Natal é o solstício e a certeza dos ciclos, a terra a escurecer antes de voltar a germinar, o Inverno a convocar o calor que há-de regressar, os que nascem e os que morrem. Tudo isso se arruma noutras narrativas, mais cristãs ou mais pagãs, Menino Jesus ou Pai Natal da Coca-Cola, pouco importa. O presépio da minha avó era uma máquina de contar histórias e as suas engrenagens continuam a rodar todos os anos. À volta, as cadeiras vão-se enchendo de pessoas vivas e mortas. Ninguém se atropela e só se senta à mesa quem vier por bem. Os mortos, às vezes, falam tão alto como os vivos e não se incomodam que vamos acrescentando outros queijos à tábua de onde comemos todos.

SARA FIGUEIREDO COSTA

JOSÉ SMITH VARGAS

cataventos
PETISCOS & COMPANHIA
Clean & Safe
DESEJA UMFELIZ NATAL
TAKE AWAY
LARGO DO CARVÃO, N.º 5
3080-070 FIGUEIRA DA FOZ
+351 233 097 374
CATAVENTOS.FF@GMAIL.COM
tripadvisor



BAP

HÁ SEMPRE ALTERNATIVA

A nação vai a votos. São coisas que acontecem em democracia. Os comentadores de serviço, nos quais incluímos o actual Presidente da República — ele há vícios dificílimos de ultrapassar —, ora apelaram ao bom senso, ora falaram em eleições dispensáveis, dispensando-se eles mesmos do mais básico bom senso. Marcelo foi igual a si mesmo. Ainda o orçamento não havia sido votado, já ele ameaçava com a dissolução da Assembleia da República e com a convocação de eleições antecipadas. Não me recordo de assistir a algo semelhante, um Presidente da República a condicionar a votação de um orçamento com ameaças e, talvez mais grave, a enganar os portugueses com a ideia de que, em sendo o orçamento chumbado, não haveria outra solução senão a dissolução do Parlamento e a convocação de eleições antecipadas. Havia. A apresentação de um novo orçamento era uma delas.

A necessidade de clarificação implicava ir a votos, disse o PR. E em conformidade lá encontrou uma data que permitisse aos partidos da direita, todos esfrangalhados, rearranjarem-se para poderem apresentar-se com a cara menos turva. Enquanto tal, o primeiro-ministro António Costa fez o que melhor sabe fazer: adoptou uma pose. Desta feita inspirou-se na obra de Bruno Amadio, o pintor italiano que nas décadas de 1970 e 1980 se fartou de pintar quadros com criancinhas choronas. Toda a gente conhece. O quadro do menino chorão é deveras popular entre os portugueses, que são gente dada ao fado e têm bom coração. Quem é que não se comove com o menino chorão? Quem é que não se comove, já agora, de cada vez que a ministra da saúde Marta Temido solta uma lágrima dando provas da sua humanidade? Tadinha. Apetece fazer festinhas, dar abraços, consolar.

São simples as narrativas colocadas em circulação. A primeira diz-nos que a esquerda foi muito má e não quis ceder nas negociações com o Governo, a segunda diz-nos que o Governo quis ir a votos porque lhe cheira a maioria absoluta. Depois de atravessar as autárquicas acenando com os milhões do Plano de Recuperação e Resiliência, António Costa apresentou um orçamento onde nem recuperação nem resiliência. Esta última palavra, de resto usada por Marta Temido a propósito da contratação de profissionais de saúde, pode ser traduzida pelo famigerado "ai aguenta, aguenta" proferido em 2013 por um banqueiro quando interrogado se o país suportaria mais austeridade. Entre o "aguenta, aguenta" de Fernando Ulrich e a resiliência de António Costa há uma mera diferença de tom.

Uma prova clarificadora, como Marcelo gosta, de que a diferença é meramente de tom, está na resposta do Governo à proposta do PCP para aumentar o salário mínimo para esse valor absolutamente insuportável de 850€. Como a esquerda é muito má, faz estas propostas horríveis e inexequíveis que acabam chumbadas com os votos contra do PS, do PSD, do CDS, da IL e do Chega. O Governo do menino chorão prefere aumentar o salário mínimo em 40€, para uns miseráveis 705€, compensando os empregadores com 112€ por cada trabalhador que receba os 705€ euros brutos mensais. Assim temos que pelo aumento de um empregado o empregador receberá quase o triplo desse aumento. Caramba, a esquerda portuguesa é pobre e mal-agradecida.

Conta-se que há muitos anos, Maria Antonieta, confrontada com a fome do povo, terá sugerido que este comesse brioches. A ignorância e a ausência de sensibilidade social de Maria Antonieta tiveram os seus decalques na mais recente governação portuguesa. Graça Fonseca, confrontada com o desespero dos profissionais do sector cultural, convidou os senhores jornalistas para um «drink de fim de tarde». 0,25% para a cultura, percentagem ignominiosa, foi a resposta do orçamento chumbado para fazer face a tal desespero. O próprio António Costa, ao considerar que a final da Champions em Portugal, apresentada com uma pompa e em circunstâncias que nos fizeram sentir vergonha alheia, era «um prémio para os profissionais de saúde», deu um atlético contributo para a causa. E que dizer de Eduardo Cabrita, o passageiro de uma viatura que foi vítima de um acidente no qual se viu envolvida? É a cereja no topo de um bolo amargo, não é?

Não sejamos nós também insensíveis. É verdade que os dois últimos anos foram de uma exigência tremenda, por razões sobejamente conhecidas e discutidas, mas a pandemia não pode servir de desculpa para tudo e mais alguma coisa. O país não parou com a pandemia. O que esta fez foi tornar visíveis as escoriações de uma sociedade assimétrica e injusta, com uma deficientíssima distribuição da riqueza, com serviços públicos fragilizados por décadas de políticas negligentes, mais empenhadas em servir interesses privados do que em dar resposta ao interesse público. Andarmos descansados da vida porque já só morrem 10, 15 ou 20 pessoas por dia com covid é péssimo sinal da teia perversa em que nos deixámos enredar. Oferecer a António Costa a maioria absoluta com que ele sonha, para distribuir prémios de resiliência pelos mesmos de sempre, será erro crasso, tão crasso quanto permitir que a direita regresse ao poder trazendo atrelados a paranormalidade e o ultranacionalismo autoritário do populismo. Não há alternativa? Há sempre alternativa. Há 6 anos também diziam que não havia alternativa. E no entanto.

HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

Caldas da Rainha, 13/12/2021

INÊS VIEGAS DE OLIVEIRA

Era uma vez, muita vez, o Natal

Despertei para o lume dos primeiros Natais no Pinheiro Manso (Boavista), em casa da Teté, uma tia-avó, e duma querida prima da idade de minha mãe. Esta linda casa, onde havia duas cadelas, um cão e um gato (além do cágado e dos coelhos, rolas e galinhas do quintal), enchia-se ainda com alguns primos pouco mais velhos do que eu e a festa acontecia. Aí apanhei o primeiro susto do "fantasma" do Natal – que ouvi batendo ruidosamente na tampa do fogão, onde, nas trevas da cozinha, caiu por magia um monte de prendas. Lembro-me de entrar transido nesse escuro, ao colo da Dida (a prima-quase-mãe dos meus dois a cinco anos, que tão amorosamente me coçava as costas com as suas bonitas unhas para eu adormecer). Tinha sido o Menino Jesus, alguém disse. Como eu amava essa moradia do Pinheiro Manso, no Porto, e os muitos dias que lá dormi e brinquei com bichos e primos, recebendo os mimos das mulheres da casa: a Teté, a Dida e as primas mais velhas, filhas do irmão de minha mãe, o tio Américo, que iam aparecendo.

A partir dos 6, talvez, o Natal restringiu-se à minha casa e às três pessoas que lá vivam: eu e os meus pais. Com sorte, estava a tia Júlia, velha aldeã das terras de Basto, muito criança, muito cómica e contadora de fantasmagorias, com destaque para as histórias dos lobisomens que campeavam por Arco do Baúlhe e traziam as mulheres em polvorosa.

Sempre agarrado à mão de minha mãe, exímia na cozinha, os preparativos do Natal eram um ir e vir frequente entre o Mercado do Bolhão, no Porto, a bela charcutaria de Sá da Bandeira que existia quase em frente a uma das entradas, a confeitaria Costa Moreira e as montras dos deslumbrantes bazares Paris e Londres, quase contíguos, onde me punha a imaginar o que o Menino Deus (mais tarde, a minha mãe) teria ido colher para me presentear na noite mágica do Natal.

Mas a grande prenda dos 5 ou 6 anos (a memória já me trai) nunca a hei-de esquecer, pois implicou o ruir do mistério do Menino Jesus (que ainda acalentei mais uns anos iludindo-me a mim mesmo, em nome talvez da magia do Natal). Ao chegar a casa de mão dada à da mãe, deparo ao fundo da rua com o carro do pai a estacionar a hora inusitada, um par de dias antes da festa. Vejo-o depois, cigarro no canto da boca, a retirar da mala do velho Simca bege (oh prodígio!) uma bicicleta ainda com rodinhas laterais de apoio. Que excitação. Aquela bicicleta vermelha iria fazer as minhas delícias. Por causa dela e doutra, roda 24, que me ofereceram anos depois, escrevi o poema "Bicicleta", do livro "Canções do Ar e das Coisas Altas", que transformei numa pequena cantiga.

Por último, a memória da Árvore: a magia a adensar-se quando meu pai, nos primeiros dias de Dezembro, pedia o serrote e íamos de carro buscar um pinheirinho a uma qualquer bouça da estrada para Guimarães ou para Entre-os-Rios. A Árvore, que em casa se tornava grande, não era apenas bolas, fios dourados, luzes, guarda-chuvas e Pais Natais de chocolate, neve artificial e a estrela cintilante no cimo. A Árvore de Natal eram os brinquedos velhos, às vezes um pouco estropiados, que saltavam da caixa dos enfeites. Reencontrava-os, enfim, uma vez por ano, e com eles brincava uma tarde antes de os pendurar no pinheirinho e assim me redimir do esquecimento a que os votara.

Olha, o meu velho submarino verde de plástico ainda ali está, na estante dos meus livros, ao pé da piasca do rapa. Estou a vê-lo, mesmo agora. E lembro-ame que lhe dediquei uns versos no livro "O g É Um Gato Enroscado".

Viva o Natal! Que, para mim, nunca perdeu um grão de magia que fosse. Vou já, já a correr ler, pela enésima vez, "O Cavaleiro da Dinamarca" e "A Noite de Natal", da Sophia, o inesquecível texto de Ruben A. sobre o Natal na casa Andresen, de "O Mundo à Minha Procura". E ainda quero comover-me um pouco, mais uma vez, com "O Suave Milagre", do Eça, e com o velho Garrinchas, do Torga.

JOÃO PEDRO MÉSSEDER

ANTÓNIO AMARGO (FESTA DE RAIMUNDO ESTEVES, EM 1920. PORMENOR) AFMFF

António Amargo. Quem?

Caros leitores,

Damos notícia de um livro que está no prelo.
É um notícia em primeiríssima mão.
Andávamos há muito tempo com esta ideia cá dentro e está quase pronta, concreta, material.
Isto anda tudo ligado.
Se em 1915 houve pessoas que inventaram um jornal chamado *O Palhinhas*, facto que nos permite hoje fazer este jornal, cujo título se inspira neste outro - o de 1915- é bem certo que lendo esses jornais ficámos *strepaçados* com os textos de António Amargo.
António Amargo. Quem? é o nome do livro, que está no prelo. Reúne textos variados deste autor, que trabalhou muito e assiduamente em vários jornais na Figueira da Foz, mas não só.
Praticamente desconhecido da maioria das pessoas, António Amargo é o pseudónimo de António Correia Pinto de Almeida, carioca nascido no ano de 1886, que na Figueira fundou *O Palhinhas*, colaborou n' *A Praia*, foi redactor e editor d' *A Praia Elegante*. Dirigiu o *Figueira Sport*, colaborou activamente na *Gazeta da Figueira*, e foi redactor principal do *Quinzenário de Informação e Propaganda Europa*, periódico com sala de redacção no casino-café Europa. Mas não fez só isto. Há mais. Escreveu para teatro. Escreveu obras futuristas. Escreveu em Lisboa. Foi cantado por Alfredo Marceneiro.
Edmundo Santos dizia a propósito deste *enfant terrible* o seguinte: *Se um dia o talento se puder avaliar em libras, o António Amargo mandará fazer as obras do porto e barra…* e é verdade absoluta.
Para lhe dar a mão e para o trazer o século vinte e um, para o ano de 2021, convidámos quatro ilustríssimos ilustradores para ilustrar os seus textos. São eles o André Ruivo, a Marta Madureira, a Rita Carvalho e o Sebastião Peixoto. Todos eles têm o seu trabalho reconhecido dentro e fora de portas e são eles que respondem a diversas perguntas que lhes lançámos sobre este livro e sobre António Amargo.
O livro, editado pela Xerefé, chancela desta associação, conta com o apoio da Direcção Regional da Cultura do Centro, da Câmara Municipal da Figueira da Foz, da Celbi, das Águas da Figueira e da Sorefoz. Sairá antes do final do ano e será lançado em Janeiro (se nos permitirem as regras governamentais) em data e local a definir.

entrevista

O QUE MAIS TE INTERESSA NOS TEXTOS DE ANTÓNIO AMARGO?

São na primeira pessoa, são críticos, têm humor e não são amargos.
∫ André Ruivo

O carácter enérgico do texto, a perspicácia, ironia e provocação com que descreve e analisa a realidade do seu entorno.
∫ Sebastião Peixoto

Não conhecia, confesso, o trabalho do António Amargo. Este desafio possibilitou-me a sua descoberta, permitindo--me ampliar conhecimento sobre o autor e o seu contexto literário. O que me mantém interessada na obra do António Amargo é a honestidade com que retrata a vida comum. A caracterização de uma sociedade de forma acutilante e caricata. Sempre em tom meio Amargo, para cumprir com o seu pseudónimo.
∫ Marta Madureira

O que me cativou no António Amargo foi a sua postura crítica em relação ao que o rodeava, assim como o humor e mordacidade que imprimiu aos seus textos.
∫ Rita Carvalho

PORQUE É QUE ESCOLHESTE AQUELES TEXTOS PARA ILUSTRAR?

Porque passam-se em Lisboa, onde moro, e há uma conversa com Deus e isso interessa-me porque eu não acredito em Deus.
∫ André Ruivo

A escolha dos textos foi feita em função do que me pareceu mais fácil estabelecer uma ligação com a actualidade e também pelo facto de alguns deles me sugerirem imagens após primeira leitura.
∫ Sebastião Peixoto

Propus-me ilustrar os textos: *o nariz*, *o telefonadôr* e *a feminista*.
O tipo de ilustração que tenho vindo a desenvolver encaixa num modelo menos literal e/ou figurativo que se formaliza em mecanismos de desproporção, distorção, antropomorfismos, exageros, etc. Estes textos, por reunirem muitas destas características em formato literário, pareceram-me o ponto de partida ideal para trabalhar imagens do não real.
∫ Marta Madureira

Escolhi dois textos para ilustrar. O primeiro pertence ao "Typos e Manias" (cujo desígnio de classificação lombrosiana desde logo me interessou por infelizmente ilustrar a sua época). Seleccionei a figura do Pasmado, espécie de Dandy que me interessou pela sua superficialidade (e actualidade)! Tentei abordá-la através da ideia de uma figura feita em ferro forjado, vazia. Escolhi também o "Fome, Peste e Guerra" por me ter permitido uma imersão, mesmo que breve e parcial, no país em plena I Guerra Mundial. Na altura em que fiz este trabalho andava intrigada com uma frase de Niall Ferguson* " Perante a incerteza, a maioria das pessoas decide em última análise ignorar a possibilidade de que, como indivíduos, possam vir a ser vítimas de uma qualquer catástrofe". Desde logo associei à desvalorização, por parte de Amargo, da possibilidade de agudização da guerra. Essa ligação entre os dois textos desdobrou-se em 4 ilustrações.
∫ Rita Carvalho

O TEMPO DE ESCRITA DOS TEXTOS É O TEMPO DO PASSADO, MAS, ENQUANTO ILUSTRADOR(A), QUE LEITURA FAZ DESTES TEXTOS NO TEMPO PRESENTE?

Este texto é actual, os desenhos que fiz representam o presente excepto a personagem do António Amargo que mantive um figurino antigo.
∫ André Ruivo

No texto *O Sportman*, associei automaticamente à ideia neo-liberal que todos temos que ser empreendedores, flexíveis e elásticos, no texto *O Telefonador* ainda se aproxima mais dos tempos actuais ainda que no inicio das problemáticas que se estabelecem com o surgimento das tecnologias de comunicação. Noticias falsas, perfis falsos, comportamentos falsos, as redes sociais, com o anonimato, total ou parcial criou uma rede de mentiras. *O Batoteiro*, fala do vicio do jogo, tema intemporal que de várias formas está enraizada na nossa sociedade, por exemplo na especulações dos mercados.
∫ Sebastião Peixoto

Independentemente do ano em que foram escritos, estes textos mantêm-se intemporais. António Amargo manipula com sabedoria as palavras, escolhendo conceitos universais em opiniões incisivas que se mantêm vivas em qualquer contemporaneidade. Foram daquela época, são dos dias de hoje e serão dos de amanhã.
∫ Marta Madureira

Essa lente contemporânea é inevitável, de facto. Nas ilustrações para "Fome, Peste e Guerra" ela acaba por se manifestar no diálogo entre o texto de Amargo de 1915 e o de Ferguson, de 2021. Essa "actualização" é particularmente evidente numa das ilustrações deste texto, que faz uma alusão à crise climática, através da representação duma casa submersa em *Altenahr*, durante as cheias do Verão de 2021.
∫ Rita Carvalho

TECE ALGUM COMENTÁRIO (CASO QUEIRAS) AOS TEXTOS QUE RECEBESTE.

Uma característica transversal a estes textos é o jogos de palavras, em títulos ou corpo de texto: um typo (que é aquele género de pessoa com mania), uma dançariqueira, um telefonadôr, etc. As palavras são para se usar. E agrada-me esta falta de medo em avançar, a cada palavra, com uma proposta nova de vocabulário.
∫ Marta Madureira

O QUE DIRIAS A ANTÓNIO AMARGO, CASO FOSSE POSSÍVEL, ENCONTRAR-TE COM ELE?

Quem?
∫ André Ruivo

Com a minha timidez era capaz de nem me aproximar dele, ainda por cima ficaria cheio de medo que um olhar do escritor bastasse para me fazer um raio x e encontrar coisas desagradáveis.
∫ Sebastião Peixoto

Fico sempre curiosa sobre a origem das coisas. Qual a inspiração? De onde veio uma ideia? Acredito que uma pessoa se torna mais criativa pelas múltiplas vivências que vai acumulando. É isso que nos amplia e nos torna mais férteis. Mais do que dizer, gostaria de o ouvir falar, aleatoriamente, sobre essas coisas da sua vida.
∫ Marta Madureira

Embora eu entenda que as ideias e percursos de pessoas que viveram há 100 anos devem ser devidamente contextualizadas (vou tentando não cair na ingenuidade de pensar que seria mais clarividente ou justa do que alguns dos nossos antepassados), gostaria de ter uma longa conversa com o António Amargo sobre mulheres e feminismo ;). Mas também gostava de simplesmente partilhar com ele a ida a um café ou uma caminhada). Gosto desta ideia de aproximação entre pessoas de várias épocas (adorava poder apresentar os medievos Goliardos aos membros da banda Heavy Lungs, por exemplo).
∫ Rita Carvalho

* Ferguson, N. (2021). *Condenação: a política da catástrofe.* Temas e Debates

ANDRÉ PEREIRA

Silent Night

Para o Nick Cave, um homónimo,
E para o Nicolau Valentim, outro

Os velhos deuses podem ser poderosos, mas não são clementes nem compassivos. São volúveis, inconstantes como o luar sobre a água ou as sombras numa tempestade. Se insistires em invocá-los, atenta bem nisto: tens de ter cuidado com o que pedires, prontificando-te a pagar o preço. E, por mais desesperada ou atribulada que seja a situação, nunca rezes aos deuses que respondem depois de escurecer.

Estele Magritte
1642-1719

O velho chama-se Nicolau e as suas barbas não poderiam ser mais brancas. Começa a sentir-se mais antigo do que o pecado, o que não é inesperado vindo de quem era já tão antigo no tempo em que os dias ainda não se distinguiam das noites, o que não permitiu aos homens fazer a contagem dos anos vagarosos que foram por ele transcorrendo.

Não acreditam? Pois saibam que ele recorda a noite em que Lúcifer, o anjo, lhe divulgou o quanto se ressentia pela suposta traição de seu Pai, e do momento em que aquele se exilou para profundezas bem mais nocturnas sem que Nicolau tenha de facto conseguido entender quem traíra quem. Recorda a agonia de Sísifo ao empurrar a pedra gigantesca para o topo do monte. Os gritos lancinantes de Prometeu sempre que a águia o sobrevoava. E o meio-sorriso que germinou nos lábios de Judas quando sentiu a tempestade insuportável a desabrochar no interior do seu peito.

Mas essas são outras histórias. Todos temos uma história a pairar dentro de nós, escondida por detrás do nosso silêncio e do nosso sofrimento. À espera de ser escrita.

Nicolau não é uma exceção. Certo dia, depois de milénios de marasmo e de abatimento, o vento Suão soprou-lhe acerca de uma ilha que havia nos seus domínios meridionais, a escassos quilómetros da costa de um lugar a que chamaram África, e à qual deram, por curiosidade, o seu nome. Nicolau não soube de início o que pensar sobre o assunto, mas depois nasceu-lhe a vontade de ver a sua ilha, bem como todas as paragens do mundo que nunca tivera, nesses tantos e tantos anos, ensejo de conhecer.

E foi por esta fome de conhecer mundo que Nicolau chamou para si a nobre missão que lhe conhecemos.

Porém, Nicolau já estava cansado antes mesmo de a começar, como acontece com muitas pessoas antigas. Há uns anos, durante uma das suas viagens, ouviu falar de uma prática chamada "minuto de silêncio", que é uma forma de homenagem habitual em momentos protocolares ou fúnebres que se acredita, ainda que sem uma total certeza, ter sido invenção de um povo chamado "portugueses" para homenagear um político de um outro povo chamado "brasileiros" aquando do seu falecimento no ano de 1912. Nicolau sempre teve alguma dificuldade em entender as divisões entre os povos, já que as pessoas sempre lhe pareceram todas iguais. Mas essa é outra história. Deixemo-la para depois e pensemos, para já, no seguinte: quanto dura um minuto de silêncio? A verdade é que dura muito tempo, e no ano passado Nicolau desistiu passados 36 segundos. Foi o suficiente para lamentar, outra vez, o seu regresso à noite eterna. Para deplorar que cada vez menos gente acreditasse na sua existência, ele que até tinha uma ilha com o seu nome! E para relembrar que, embora nunca mais tenha reencontrado Judas, lhe acontece vislumbrar as sombras de Sísifo e de Prometeu em muitas das pessoas que encontra, e julga mesmo ter visto Lúcifer num desses empórios comerciais onde por vezes comparece para falar com as crianças. Se era ele, e Nicolau está quase certo de que era, assentou e constituiu família, ainda que persista em manter a mesma aparência de víbora insatisfeita.

Nicolau reconhece, contudo, que a sua missão não é um castigo mais duro do que o de Judas, do que o de Sísifo, do que o de Prometeu e mesmo do que o de Lúcifer. A questão é, na verdade, mais profunda: as histórias deles não são outras histórias, porque todas as histórias estão unidas e são uma só. A de Judas, a de Sísifo, a de Prometeu, a de Lúcifer, e mesmo a minha e a vossa, amigáveis leitores. E a história de Nicolau, cujas barbas não poderiam ser mais brancas, situa-se mesmo no centro de todas as histórias, pois também ele carrega o fardo de ser um Pai traído, como o de Lúcifer.

No Natal passado, decorridos exactamente 36 segundos do seu minuto de silêncio, Nicolau sentiu a profundidade do outro silêncio - aquele que a noite escura e inclemente lhe devolvia. Enunciou o seu *Ho Ho Ho* do modo menos sinistro que lhe foi possível e fez-se ao caminho.

BRUNO BANDINI

Sonhos de Natal

– Este ano para o Natal que dizes a uns figos?! Em solteira, em casa dos teus pais, devoravas figos.

– E nozes. Gosto muito de nozes. Figos e nozes casam bem.

– E pinhões, ouviste?! E pinhões! Fartura de pinhões. Dentro dos frutos secos, os pinhões são os mais saborosos. Adoro pinhões.

– A castanha de cajú também vai bem.

– Vai bem com um bom Vinho do Porto, um Vintage. É isso, um Vintage!

– E um bom champanhe, com rabanadas!

– Rabanadas, bolo-rei.

– E pão-de-ló. Adoro pão-de-ló húmido.
– Ah, esse é bom. E uvas passas! Uvas passas com fartura!

– Muitas também é exagero.
– Ficam para o Ano Novo. Vão-se comendo. As uvas comem-se sempre. Vão com tudo.

– E não esquecer as castanhas. Das grandes. Assadinhas, estaladiças.

– Ah, e o bacalhau! O bacalhau! Era por aí que deveríamos ter começado. Bacalhau do grosso, cura amarela.

– Com batatas e uma boa penca. Cenoura.

– E o vinho! Branco ou tinto?

– Uma garrafa de cada. Do bom.

– Com estas iguarias, noite de arromba. Um manjar dos deuses. Com peru.

– Peru! Bem lembrado. E leitão.

– Mas isso é fogo. Tens ideia?

– Uma nota preta. Uma nota preta, te digo.

– Então há que cortar. Ficamo-nos pelo essencial. Pelo bacalhau, sei lá...

– E pelas batatas, as couves.

– A hortaliça nessa altura está a um preço... Os tipos das lojas aproveitam-se. É tudo uma fortuna.

– Oh vida! Oh maldito desemprego!

– Calma, corta-se no supérfluo. De qualquer modo, o bacalhau é incontornável.
– Sim, o bacalhau não pode faltar na noite de Natal. É tradição.

– Então, compram-se dois... dois bolinhos de bacalhau...

– ... e uma garrafa de cerveja. Dias não são dias. É Natal!

– E não dará para uma extravagância?

– É isso, uma extravagância.

– Merecemos uma extravagância!

– Para acompanhar com a cerveja, que dizes a um pratinho de tremoços?

– Boa ideia. Mas é capaz de ficar carote. A como está o tremoço?

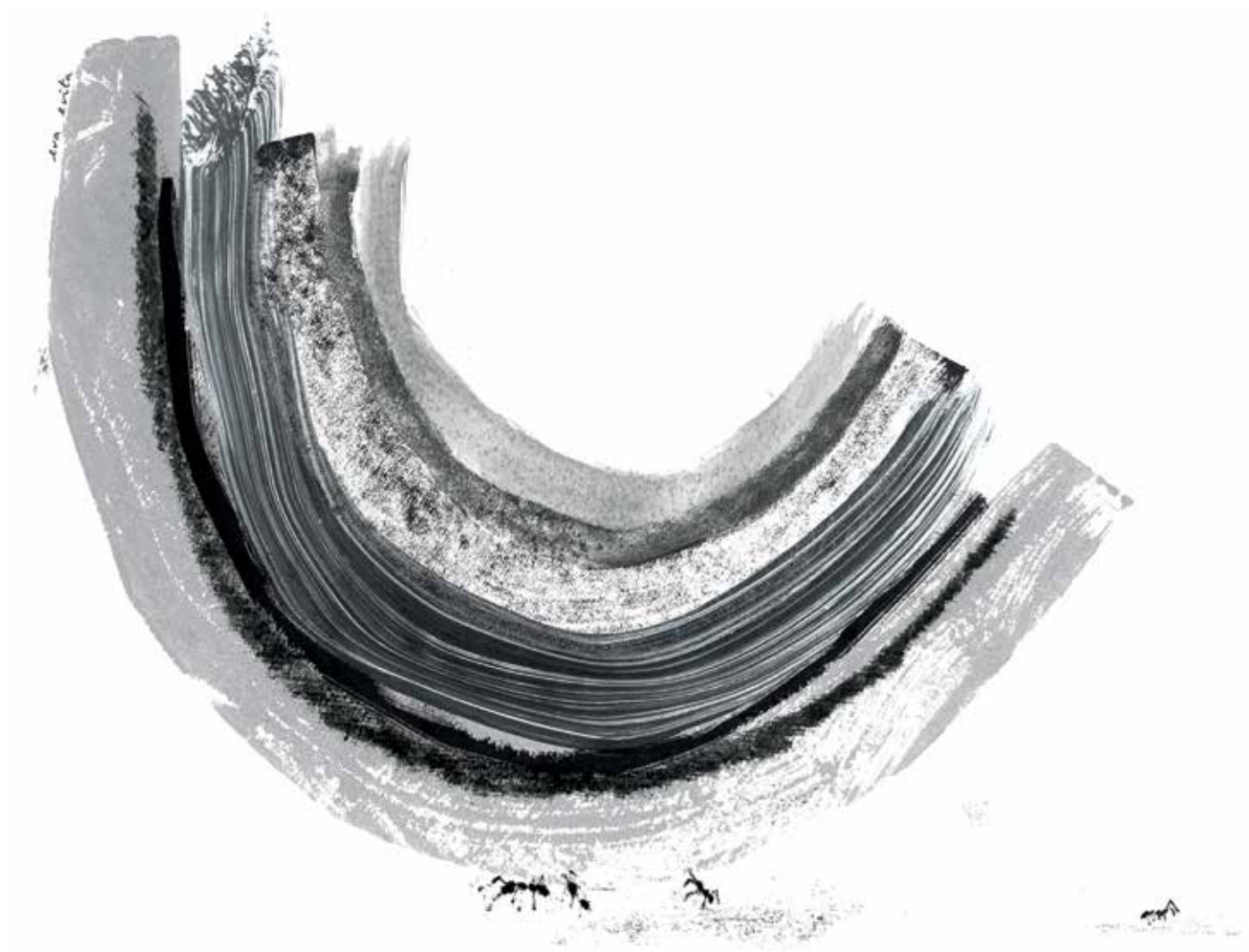
AUGUSTO BAPTISTA

PIERRE PRATT

Farmácia
Garcia

FESTAS
FELIZES

Largo Luís de Camões, 11
3080-067 Figueira da Foz
Telefone: 233 422 079



EVA EVITA

notícia sobre o *Tratado Sobre Coisas Que Existem Apenas para Deleite dos Seres que Caminham sobre a Terra*

Recebi por mão amiga a primeira folha do *Tratado Sobre Coisas Que Existem Apenas para Deleite dos Seres que Caminham sobre a Terra* é dedicada aos arco-íris.

Podemos interrogar-nos se aqueles servem realmente apenas para o prazer dos que existem neste planeta, claro. Estaremos a atacar os fundamentos da recolha das maravilhas, o que não parece que seja frutífero. Como também, num primeiro momento, poderá parecer não ser importante saber quem escreveu o tratado sobre tais coisas, onde e em que época possa ter qualquer relevo. Há os que o dizem coevo de *Os Elementais* de Paracelso. Não me comprometo, pois desconheço onde foram buscar tal conclusão. A contemplação desinteressada não é exclusiva doa antigos. Basta pensar em Jorge Luís Borges com o seu *Livro de Seres Imaginários* ou Umberto Eco com a sua *História das Terras e dos Lugares Lendários* para percebermos que nunca faltaram entre nós cigarras, mesmo quando nos piores momentos da história nos quiseram limitar ao papel de formiguinhas.

Tenho este pesadelo uma e outra vez: estou num qualquer mundo distante e percebo que a vida – a minha e a dos outros – vai correndo entre minudências, assuntos pequenos que se pretendem grandes, escoando-se entre os pilares que são o trabalho, a casa e o trânsito. E que sorte temos nós, as formiguinhas! Por ter trabalho e casa, claro! As filas de automóveis e autocarros não são motivo para pensarmos que temos sorte. Excepto se enquanto nos arrastamos penosamente dermos por nós a pensar que podíamos estar a tentar chegar a casa em Bagdade ou em Aleppo, num qualquer vilarejo perdido na Venezuela ou numa cidade da Coreia do Norte. E o que temos como certo (mais minuto, menos minuto estamos a descongelar a refeição da noite enquanto ouvimos a televisão) poderia ser mais difícil de concretizar. Ainda assim, esta devaneação que me ocorre em alguns sonhos não deixa de me perturbar. Talvez por ser pintalgada de cinzento e a sentir escorrendo pela noite como a areia da ampulheta. De forma lenta, mas inabalável. Não seremos mais do que isto? Acordo com esta pergunta.

Por isso, a noticia sobre o *Tratado Sobre Coisas Que Existem Apenas para Deleite dos Seres que Caminham sobre a Terra* (já não se onde a li, para vos ser franca) deixou-me fascinada. Uso a palavra no sentido que lhe davam os antigos, onde o fascínio tinha uma componente de susto.

Bem podem os senhores e as senhoras do mundo ansiar por que trabalhemos de sol a sol, impingir-nos música a martelo em todo o lugar e manter as televisões ligadas 24 horas por dia. Hoje como ontem acabamos por levantar os olhos do ecrã e esquecer ainda que por breves instantes que estamos aqui para produzir e consumir, consumir e produzir. O Tratado é por isso um sinal de perigo, mais um entre outros que se vão mostrando aqui e ali. Quem o escreveu faz parte daquele grupo de pessoas que sonha com um lugar que apenas existe porque o criou, com um ser que começa por nascer na nossa imaginação (mas não há certeza absoluta de que os unicórnios não existiram) e que se deleita a olhar para um arco-íris. O que tem de raro o arco-íris? Já sabemos que surge quando a chuva e o sol se encontram. Uma e outra vez com as suas cores (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta) harmonizadas numa curva perfeita. Mas o motivo de maravilhamento é ainda outro: o arco-íris é uma manifestação de que a Natureza não se rege por critérios económico-utilitaristas. Se assim fosse não haveria arco-íris. Não pode ser aprisionado por uma pessoa para seu uso e gozo exclusivo. Aparece e desaparece sem que a vontade dos que o vêm possa ter aí qualquer peso. E está ao alcance de todos. O mesmo sucede com outras descrições do Tratado. Como os seixos que nos são devolvidos pela água dos rios perfeita e inutilmente polidos, as diferentes tonalidades das folhas que se desprendem das árvores no Outono, as cascatas, as variadas formas das nuvens e os cogumelos venenosos. E de tudo isto retiro que as mãos que escreveram o Tratado de que vos falo estão ao serviço da causa da contemplação subversiva, um só aparente oximoro que pode, afinal, transformar o mundo. Que coisas nos podem suceder se pararmos a contemplar a beleza que não se aprisiona, que se não se deixa possuir por ninguém, que circula livremente pelo mundo?

CARLA COELHO

Noutro dia, enquanto esperava ser atendido numa loja da baixa, alguém comentou que nesta época, com as luzes de Natal, parece não estar frio. No momento concordei. O tom quente da iluminação e o facto desse início de noite estar especialmente ameno, trouxeram um certo conforto, aquele tipo de calor que se sente quando algo especial acontece.
De facto, existia algo no ar que me transportou a esse sentir.
Certo é, que passados dias, estes tornaram-se mais quentes. As esplanadas compostas, pessoas de t-shirt passeando-se, a neblina do final de dia, o ar a trazer-nos à memória o querer romper de dias longos, e gente aproveitando a última réstia de sol.
A cidade tinha vida. Na realidade, ela ali se revelava de uma forma quase surpreendente.
Com espanto, assistia a esta dinâmica tão pouco natural em tempos de inverno. (Costuma dizer-se que a cidade só vive em tempos de férias, festas e calor). Afinal existe gente por aqui.
Animado pelo fervor do dia, ainda com energia para uma passeata noturna, eis que me aventurei pela noite.
As luzes que outro dia faziam parecer não estar frio, estavam lá. Eram as mesmas. Mas percebi que o que trazia esse calor eram as gentes, que nesse outro dia povoavam a baixa, numa agitação, longe, muito longe dos tempos de outrora, mas que ainda assim, fazia mexer.

A noite fazia-se fria e vazia. Virava-se uma esquina e outra e outra sem se ver alma feita gente. Estávamos a meio da semana e perguntei-me para quem eram todas aquelas luzes de Natal, numa cidade tornada, do dia para a noite, literalmente fantasma.

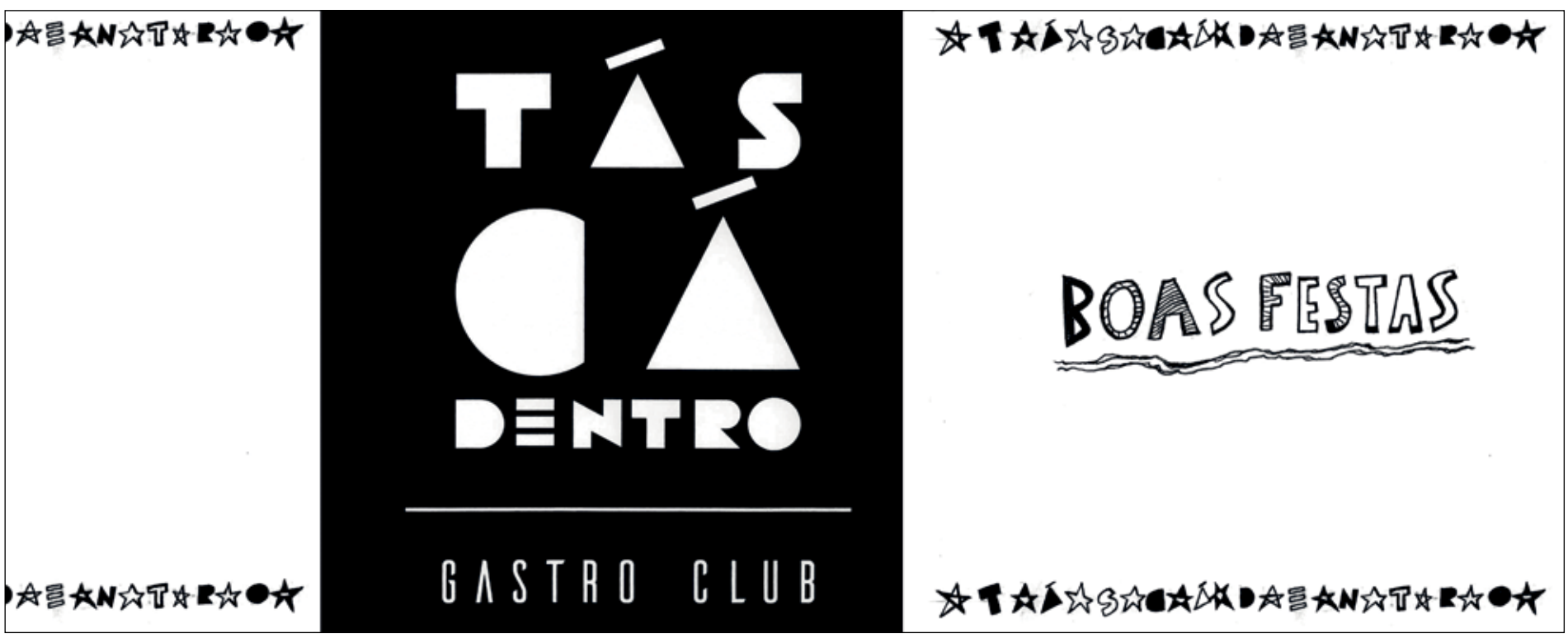
RICARDO LIMA

SUSANA MATOS

É capaz de nevar

Não sei bem se o puto já nasceu ou se ainda está para vir. Sei que as Marias continuam a parir filhos de Deus. Afinal, o Natal é quando o homem quiser. Nem sei bem se os outros três seguiram uma estrela ou o cheiro a estrume. E tão pouco me interessa se o Zé ouviu uma voz ou não. É plausível. Em dezembro, também costumo ouvir constantemente os arautos da essência humana esquecida, "oh oh oh's", aquela loira dos agudos, sininhos e ferrinhos. Tragam os gafanhotos, por favor. Ou os escaravelhos, tanto faz. Estão todos perdoados…
Também não sei se burro esteve a bufar toda a noite. Sei que eles são capazes de bufar todo o ano, e que o ventre gordo da cidade engoliu o machado que um dia dizimou tantas árvores. Lá conseguiram reconhecer alguma utilidade naqueles emplastros. Agora, é vê-las a cuspir luz! Fazem pandã com as bandas magnéticas em brasa e os narizes vermelhos. É o que é. Algures na serra é capaz de nevar…

JOANA SILVA FERRAJÃO



os lobos

Da alcateia que desceu até aos arredores do povoado deu nas vistas a presença de um lobito arrebitado, proclamando isto e aquilo numa abundante matéria palavrosa, a que um outro lobo mais maduro se encarregou de dar maior notoriedade, anunciando mais uma dúzia de novidades para os tempos mais próximos. Entretanto, no Chile, o candidato da esquerda à presidência, Gabriel Boric, foi eleito como o presidente mais jovem e mais votado na história do país. O candidato da esquerda derrotou por larga maioria o candidato da extrema direita. Por cá, a Segurança Social apresta-se para contratar 215 assistentes técnicos pelo período de quatro anos, com retribuição do salário mínimo...

Enquanto a chuva aparecida acentua o subir do nível das águas do rio, repletas de jacintos, sejam eles das searas, o serôdio, das tardes ou dos campos, ou mesmo de jagunços. (uma praga não vem só, e os lobos sabem muito bem conviver com isso...) As barragens agradecem, o custo da electricidade aproveita a embalagem e sobe também. Quanto aos agricultores, os lobos lá sabem como lhes tratar da saúde... A CAP decerto estará atenta... Ainda a procissão vai no adro e já se ouve o amen sacramental de acolhimento ao lobito e seus seguidores.

Ora vejam lá no que dá a toma de um copo de vinho a propósito de uma celebração... Logo a seguir se exige-se uma garrafa, seguida de imediato por uma "magno", logo após surgirá a barrica, finalizando (?) com a pipa em cima do bolo, que há-de ser enorme e sustentável (como não podia deixar de ser...) para quem provado o néctar dos deuses, já se projecta para uma bebedeira das antigas. Cá estamos para lhes lembrar que é feio e pouco saudável beber vinho sem moderação...

V. CLARO

Marégrafo

Restaurante
Rua 5 de Outubro
Largo "Maria Jarra"
Buarcos
233 433 150

E, A PARTIR DE AGORA, ISTO É TUDO O QUE SE SABE

ANA BISCAIA

JOSÉ DE MATOS-CRUZ

Setembro de 1970

– Estamos, então, entendidos? Esta fotografia não pode sair, e o texto aparece com os cortes assinalados. Olhe, esta é a última vez que o avisamos. Para a próxima, o jornal é suspenso...

O senhor Vicente tentou sorrir, e assentiu. Estava nas suas mãos a última esperança da *Semana Algarvia* – isto é, se aquelas frases a vermelho fossem para o caixote do lixo.

Vicente não era nenhum herói – apenas director de uma publicação que vivia dos assinantes. Não. Era também o único redactor e, pessoalmente, uma consequência do neo-realismo.

Com esse estatuto, em tal intranquilidade, forjara mesmo um exílio da existência e do quotidiano.

Marafado, sentia-se incapaz de definir resistência ou antagonismo, antes do ponto final.

Assim, portanto, as suas notícias, as reportagens como aquela que ali tinha mutilada. Ele assumia isso sem compromisso, como um parágrafo de coragem na sua íntima abdicação.

Aí estava, e não havia mais nada a fazer. Guardou os linguados dentro da pasta, tentando não borrar as mangas da camisa. Não disse patavina, e saiu com um sorriso de desdém.

Custava-lhe uma tal encenação, mas não tinha outro remédio. Aqueles tipos nunca haviam de o vergar. Devagar, enfiou mais o seu chapéu de feltro na cabeça, com uma vénia inócua.

Para ninguém fora o cumprimento. Andava só, almariado. Mesmo assim, verificou se a mala estava fechada, pelo estalido da mola, e só depois a pendurou na mão esquerda. Um hábito – com a oscilação do corpo, dava lustro às calças.

Ele teria uns cinquenta anos. O tempo abrandava já para Vicente. Castigado pelo chumbo que lhe fizera ninho nos pulmões, e uns olhos tão profundos como a estria das zincogravuras.

Eis um filho que herdara o vício duma imprensa livre. Não, isto mais parece uma anedota. O pai, em chavalo, berrava pelas ruas porque era ladino e ardina apenas para escapar ao asilo.

Numa Lisboa de tempos mortos, dilacerada entre a Monarquia e a República. Depois, o pai rompera por aí abaixo aos trambolhões, até implantar-se em Lagos.

Andara pelas passas do Algarve, teimando em ver as amendoeiras em flor. Leandro acabara, selvagem e anónimo, entre os índios da Meia-Praia...

Em todo o caso, Vicente não deixava prole. Ele não sabia se por impotência, ou talvez Vera fosse estéril.

Tanto faz. Metódico, ainda cumpria o acto da ejaculação, e a mulher gemia o prazer.

Bom, dentro de si, Vicente sentia-se fora de moda. Um arauto regional. Uma voz independente, embargada de silêncios.

Há mais laços, estilhaços que ficaram entrelinhas, fora das parangonas. Escrever assim é uma pesca sem isco nem anzóis. A tesoura corta, vence mesmo uma caneta de tinta permanente...

Com uma tradição de clandestinidade e contrabando, Faro remetia-se aos seus extremos: uma margem do Guadiana, terra de ninguém, uma passagem vigiada para Ayamonte.

Homem sem fronteiras, Vicente Leonel chegou à frontaria de sua casa. A mulher, Vera, sentiu-o transpor o umbral.

– És tu, Vicente?

– Sou. Vim agora do Governo Civil.

– Está tudo bem?

– Está. Ainda não foi desta que consegui uma avença.

Os EntreTantos

ESTE JORNAL SUGERE

ADVOGADOS
João Pedrosa Russo
Rua do Paço, n.º 1

BEBIDAS
Rótulos & Expressões
R. da República
Loja Sol Engarrafado
R. Bernardo Lopes

CAFÉS
PASTELARIAS
Bola de Neve
Praça 8 de Maio
Brasil
Praça Velha
Delcar
Rua da República
Gula (A)
Cais d'Alfândega
Império
R. Bernardo Lopes
Nau
Largo Dr. Nunes
Pharmácia
R. Liberdade
Príncipe Real
R. da República

CAFÉS
PASTELARIAS
PADARIAS
Dionísio
Rua Dr. Luís Carriço
Tv. Rua Vasco Gama
Av. do Brasil
Rainha
R. da República
R. 10 de Agosto

CHAVES / COFRES / PORTAS
Maia d'Almeida
R. da República

DESPACHANTES OFICIAIS
Luís Glória & Luís Silva
Av. Saraiva de Carvalho

DOCUMENTAÇÃO
Marcil
Foz Center
Rua da República

ELECTRO DOMÉSTICOS
Somaro
Av. Saraiva de Carvalho

FARMÁCIAS
Central
R. da República
Garcia
Praça Luis de Camões
Soares
R. da República

GELATARIAS
Emanha 1
Av. 25 de Abril
Emanha 2
Esplanada Silva Guimarães

LIVRARIA
Miguel de Carvalho
R. de "O Figueirense"

MODA /VESTUÁRIO
Beljor
R. Dr. José Jardim

Roupa Nova
Largo do Carvão
Sea and Ships
Av. Saraiva de Carvalho

MOLDURAS
Só moldura - Aníbal Ferreira
Rua do Paço

ÓPTICAS
Morais Oculista
Praça 8 de Maio
R. Bernardo Lopes
Primótica
R. da República
R. 5 de Outubro
Visaóptica
Rua da República, 43
R. 5 de Outubro
(Buarcos)

PEIXE
Peixaria Lena
Mercado Municipal

PUBLICIDADE E DECORAÇÕES
Ondarte
Rua Vasco da Gama

RESTAURANTES
A Paula /15ZÉ
R. do Paço
Cataventos
Largo do Carvão
Marégrafo
Largo "Maria Jarra"
(Buarcos)
Picadeiro
Rua Académico Zagalo
Praça 18
Praça Velha
Tasca Maria
Rua Francisco António Diniz
Taverna Ti João
Rua Poeta Acácio Antunes, 7
Pifo
Rua Dr. Calado
Luzzo Pizzarias
Picadeiro

SAPATARIAS
Sapataria Quaresma
Cais d'Alfândega
R. 5 de Outubro

SEGUROS
Paulo Pinto
Largo Tenente Valadim

TECIDOS
Casa Salgueiro
Rua 5 de Outubro

TIPOGRAFIAS
Fozgráfica
Rua da República

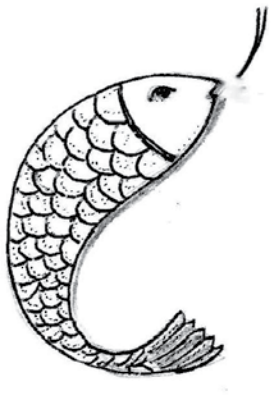
Café PRAÇA 18

BOAS FESTAS

PRAÇA GENERAL FREIRE DE ANDRADE 18

FIGUEIRA DA FOZ

Sou fresco e do mar português.



PEIXARIA LENA
MERCADO MUNICIPAL
FIGUEIRA DA FOZ

DESEJA-LHE UM FELIZ NATAL

Delcar
Cafetaria e Pastelaria

Deseja-lhe um doce natal

Rua da Republica 122
3080-036
Figueira da Foz

233 094 949

FARMÁCIA CENTRAL

FELIZ NATAL

ENTREGAS AO DOMÍCILIO

RUA DA REPÚBLICA, 116-118
FIGUEIRA DA FOZ
233 402 470

Aos associados, assinantes, patrocinadores e amigos de longa e recente data, procederemos em brevemente à renovação das assinaturas da nossa "clientela", alargada aos associados cúmplices dos nossos projectos culturais.

Recordamos a tabela que regula essa anual recolha de fundos:

ASSINANTES PARTICULARES RESIDENTES NA CIDADE
12 eur/ano

ASSINANTES (FIRMAS COMERCIAIS) RESIDENTES NA CIDADE
12,5 eur/ano
(dois jornais por edição)

ASSINANTES EMPRESA CONCELHO DA FIG. FOZ
120 eur/ano

ASSINANTES PARTICULARES, FORA DA FIG. FOZ
14 eur/ano
(inclui portes de correio)

ASSOCIADOS
(Assinatura "O Palhinhas & Cª" + 20% de desconto em todas as edições da Flagrantetítulo - Associação Cultural / Xerefé Edições (livros, brochuras, revistas, desenhos, gravuras, ilustrações, peças de "merchandising")
20 eur/ano

NOTA
Para além dos nossos associados, todos os assinantes podem aceder à compra das nossas edições, com direito a desconto de 10% sobre o PVP. O processo de aquisição será feito directamente na Flagrantetítulo
(Rua da República, 114, 1º, sala 5. 3080-036 Figueira da Foz) ou através de email: flagrantetitulo@gmail.com

Para pagamento, solicitamos de preferência, transferência bancária para o seguinte IBAN PT50 0035 0321 0010 2392 9309 8
Todo o cidadão pode adquirir as nossa peças literárias e artísticas, dirigindo-se para o efeito à nossa sede, ou à Livraria Lusitana (Rua da República), ou Papelaria Satélite (Avenida do Brasil, Buarcos)

ANDRÉ RUIVO

FIGUEIRA COM LIVROS

Livraria Miguel Carvalho

Miguel Carvalho, conceituado livreiro de "livros antigos", inaugurou no passado sábado, dia 18, a sua livraria situada na Rua Dr. José Jardim, antiga Rua das Flores, paredes meias com a Praça Velha.
É o espaço da antiga sapataria Majú - faz esquina com a rua do Gato Preto. É um belo prenúncio. Livros e petiscos, bem perto um do outro.

Após se ter transferido, há alguns anos atrás, de Coimbra para a Figueira, com armas (os livros constituem bastas vezes material de acertada pontaria...) e bagagens, Miguel Carvalho abre agora a sua livraria de maior proximidade para os seus amigos, clientes, coleccionadores, público atento, pesquisador ou meramente curioso.
Numa cidade que, como noutros lugares, assistiu ao desaparecimento de inúmeros estabelecimentos dedicados à divulgação do livro, das artes e do conhecimento, cabe aqui assinalar esta forte iniciativa que o Miguel nos propõe para a difusão das literaturas tão necessárias agora e sempre. Parabéns Miguel!

V. CLARO

FICHA TÉCNICA
Periódicos Mensais Locais nº 76
23 Dezembro de 2021
DIRECTÓRIO COLECTIVO
José de Matos-Cruz | Joaquim Jordão | António Viana | Álvaro Biscaia
MORADA Rua da República, 114 1º sala 5 3080-036 Figueira da Foz
EDIÇÃO FLAGRANTETITULO - Associação Cultural
(flagrantetitulo@gmail.com)
COLABORAÇÕES V. Claro | Susana Matos | Sebastião Peixoto | Sara Figueiredo Costa | Rita Carvalho | Ricardo Lima | Ricardo Kalash | Ricardo Jorge | Renata Bueno | Pierre Pratt | Pedro Simões | Paula B. | Marta Madureira | José Smith Vargas | José de Matos-Cruz | Joaquim Jordão | Joana Silva Ferrajão | João Pedro Mésseder | Inês Viegas de Oliveira | ILUSTRHADA | Henrique Manuel Bento Fialho | Eva Evita | Carla Coelho | Bruno Fontes | BAP | Augusto Baptista | AFMFF | André Ruivo | André Pereira | Ana Biscaia | A. Natal
IMPRESSÃO FIG DEPÓSITO LEGAL 458649/19

João de Azevedo sempre presente.

FELIZES FESTAS FELIZES FESTAS FELIZES FESTAS
FLY LONDON · ara since 1949 · MERRELL · cubanas · GANT · CAT · Tamaris
quaresma • DESDE 1922 •
ABERTO TODOS OS DIAS
RUA 5 DE OUTUBRO, 18
3080-073 FIGUEIRA DA FOZ
TEL. 233 422 334
sapatariasquaresma@sapo.pt